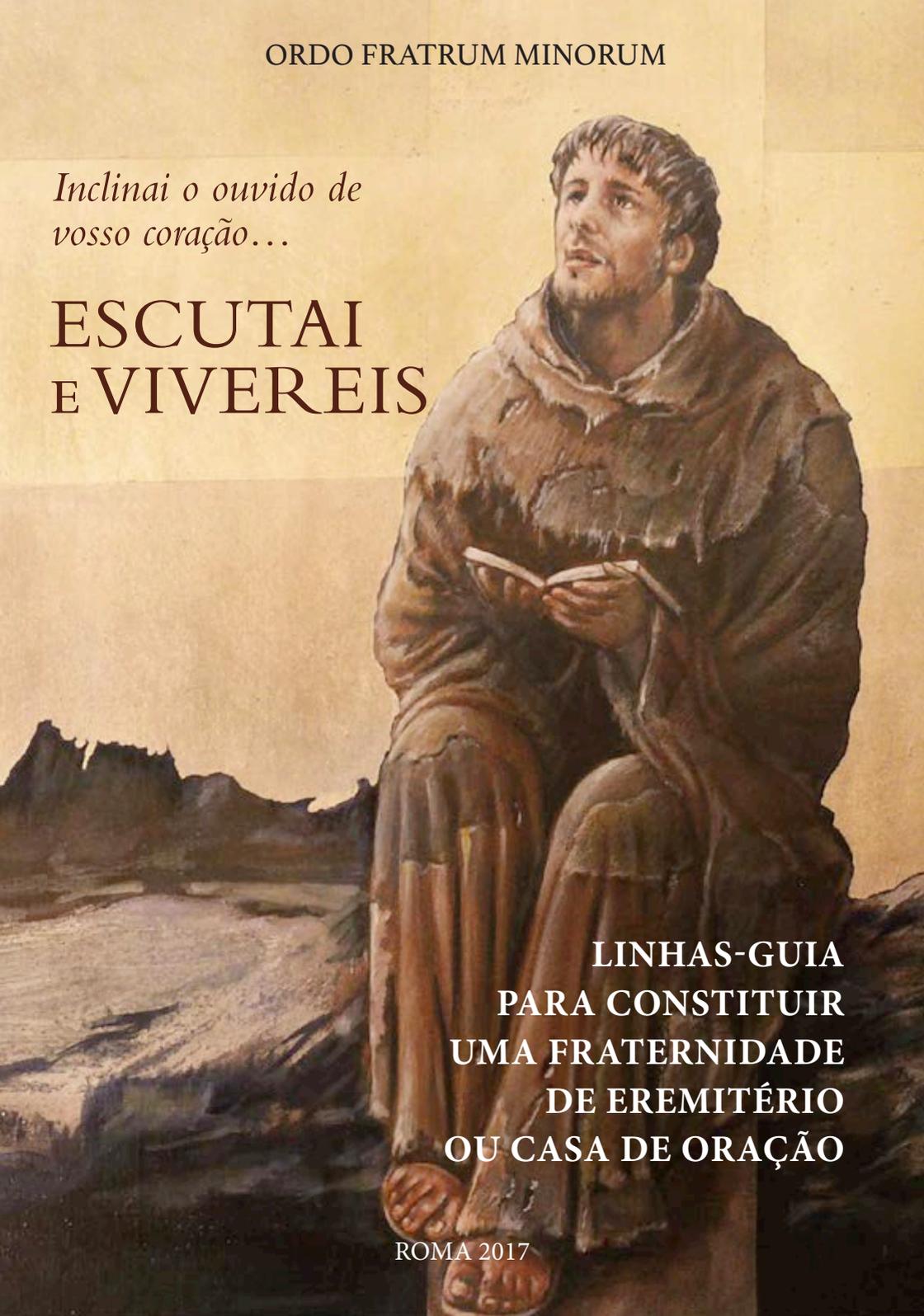


ORDO FRATRUM MINORUM

*Inclinai o ouvido de
vosso coração...*

ESCUTAI E VIVEREIS



**LINHAS-GUIA
PARA CONSTITUIR
UMA FRATERNIDADE
DE EREMITÉRIO
OU CASA DE ORAÇÃO**

ROMA 2017

ORDO FRATRUM MINORUM

ESCUTAI E VIVEREIS

Inclinai o ouvido de vosso coração...
(Ord 5-6)

LINHAS-GUIA PARA CONSTITUIR
UMA FRATERNIDADE DE EREMITÉRIO
OU CASA DE ORAÇÃO

(CAPGER/15, Decisão 07)

ROMA 2017

Capa: Ivo Batocco (óleo)
“São Francisco em contemplação”
Missionszentrale der Franziskaner, Bonn, Alemanha.

OFM Communications Office
Via di Santa Maria Mediatrice, 25
00165 Rome, Italy - www.ofm.org
© 2017

PREFÁCIO

Francisco, o servo de Cristo, «asseverava com firmeza que o homem religioso deve desejar a graça da oração acima de todas as coisas e estimulava, em todas as maneiras possíveis, seus irmãos a praticá-la com zelo, convicto que ninguém faz progresso no serviço de Deus, sem ela. Caminhando e sentando-se, em casa ou fora, trabalhando ou repousando, estava voltado para a oração, de modo que parecia ter-lhe dedicado não só o que nele havia de coração e corpo, mas também de ação e tempo». (LM X, 4-5)

O exemplo de S. Francisco de Assis, contado por S. Boaventura, é suficiente para recordar-nos a centralidade da oração na Ordem dos Frades Menores. Sabemos muito bem quão importante é a oração na vida cristã e de cada consagrado, apesar da dificuldade em estabelecer equilíbrio entre trabalho e oração, também o insuficiente cuidado da oração pessoal e a confirmação de uma vida de fé, prevalentemente individual, mas se reconhece a necessidade de melhores formas de oração e de espiritualidade na Ordem. As poucas indicações da pesquisa sobre o estado da Ordem (cf. *Síntese do Relatório*, Roma, 2014) confirmam o desejo de ter um subsídio sobre a oração.

Concordamos que *ninguém progride na vida e no serviço de Deus, sem a graça da oração* (cfr. LM X, 4). Por esse motivo, o Capítulo geral de 2015 pensou num “instrumento” específico: as *Fraternidades de Eremitério ou as Casas de Oração*, de maneira que as Entidades da Ordem ou as Conferências, em colaboração fraterna e institucional, as possam reforçar ou encaminhar, ajudando-nos assim a manter acesa a dimensão orante da Ordem, para o bem de cada consagrado e do povo santo de Deus.

Com grande prazer apresento-vos *estas linhas-guia para a indicação de caminhos concretos para constituir uma Fraternidade de Eremitério ou Casa de Oração* (CAPGER/15, *Decisão 07*). Nessas linhas encontramos a convicção dos Capitulares sobre a urgência de ter, na vida quotidiana, um espaço, um lugar e um tempo significativo dedicados à relação pessoal com Deus, e de constituir Fraternidades, nas quais todos os Frades possam colher a alegria e a beleza de nossa vocação.

Roma, 19 março 2017

Festa de S. José

Fr. Michael A. Perry, OFM
Ministro geral e servo

Prot. 107179

SIGLAS E ABREVIACÕES

A. Sagrada Escritura

<i>1Cor</i>	Primeira carta aos Coríntios
<i>Lc</i>	Evangelho segundo Lucas
<i>Mt</i>	Evangelho segundo Mateus
<i>1Pd</i>	Primeira carta de Pedro
<i>Rm</i>	Carta aos Romanos
<i>Tg</i>	Carta de São Tiago
<i>1Rs</i>	Primeiro livro dos Reis

B. Escritos de san Francisco

<i>Ad</i>	Admoestações
<i>Ant</i>	Carta a Santo Ant3nio
<i>2Fi</i>	Carta aos Fi3is (2ª recens3o)
<i>Le</i>	Carta a Frei Le3o
<i>Ord</i>	Carta a toda a Ordem
<i>Rb</i>	Regra Bulada
<i>Rnb</i>	Regra n3o Bulada
<i>RE</i>	Regra para os Eremit3rios
<i>SV</i>	Sauda33o 3s Virtudes
<i>Test</i>	Testamento

C. Biografias de san Francisco

<i>1Cel</i>	Primeira vida, de Tom3s de Celano
<i>2Cel</i>	Segunda vida, de Tom3s de Celano
<i>LM</i>	LM, de S3o Boaventura

D. Outras Fontes

CapGer/2015 Capítulo Geral de 2015

CCGG Constituições Gerais

DV Dei Verbum

EEGG Estatutos Gerais

INTRODUÇÃO

Escutai e vivereis. Inclinaí o ouvido de vosso coração. Essas palavras de S. Francisco de Assis na *Carta à toda a Ordem* são um convite para escutar Cristo, «verdadeira Sabedoria do Pai» (2Fi, 67), que os Frades Menores com profissão religiosa seguem mais proximamente (cf. CCGG 1,1). O convite de *escutar* é o caminho salvífico da Palavra que nos chama à escuta física e à escuta obediente interior, o itinerário do discípulo chamado a inclinar o *ouvido do coração*. Esse percurso do Frade e das Fraternidades nos leva a *viver* o Evangelho, a louvar Deus e testemunhar com palavras e obras.

Nessa perspectiva, o Definitório geral, em colaboração com a “Comissão da Ordem para a oração e devoção”, e com a contribuição de diversos Frades, elaborou as *linhas-guia para constituir uma Fraternidade de Eremitério ou Casa de Oração*, segundo as indicações da *Decisão 07* do Capítulo geral-2015. O subsídio não pretende exaurir o tema sobre Eremitérios ou Casas de Oração, nem a dimensão cristã e franciscana da oração e contemplação, nem oferecer indicações metodológicas ou apresentar o resultado de um estudo histórico sobre os eremitérios da Ordem. Muito menos tem a pretensão de responder às necessidades das Entidades da Ordem. Trata-se de um primeiro achego ao tema, no desejo de dar indicações para iniciar o diálogo, em cada Entidade ou Conferência, a fim de tomar a decisão de constituir uma Fraternidade que dê à oração o primeiro lugar.

Tendo consciência de que a Ordem é uma Fraternidade e nessa, «quais seguidores de S. Francisco, os Frades devem levar vida radicalmente evangélica, vivendo em espírito de oração e devoção» (CCGG1 §2), o conteúdo das *Linhas-guia*, responde:

- a. à oportunidade de ter um instrumento que seja uma provocação para aprofundar a prioridade da oração e que seja mais evidente, na vida dos Frades Menores, «o espírito da santa oração e devoção, ao qual devem servir todas as outras coisas temporais» (*Rb* V, 2);
- b. à exigência de achar caminhos concretos para que se possa constituir uma Fraternidade de Eremitério ou Casa de Oração, em continuidade com a legislação da Ordem (cf. *EEGG* 15 §1). Para tal são dados alguns elementos válidos, que vêm da *Regra para os Eremitérios*, e que possam enriquecer a dimensão orante de cada Frade e Fraternidade.

Também proclamamos, segundo a fé da Igreja, que «agrada a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se pessoalmente» e, «em seu grande amor, falar aos homens como a amigos e se entretém com eles, para convidá-los e admiti-los à comunhão consigo» (DV 2). Contudo, além de revelar-se na *palavra*, Deus também se revela *no silêncio*, como dirá a Bíblia quando tem como protagonista o profeta Elias (cf. 1Rs 19,11-13): Deus se revela ao profeta na voz do *silêncio*. Não no vento, não no terremoto, não no fogo, mas no silêncio, no «sussurro de leve brisa» (1Rs 19,13). Assim o profeta Elias aprende que o Deus vivo é o Deus do silêncio e da ocultação.

Em síntese, *palavra, silêncio e solidão* são imprescindíveis na *vida religiosa nos Eremitérios*, como o foi para Francisco de Assis e para a fecunda história da Ordem. Também hoje é válido o convite de fazer com que se lhes dê a prioridade na *vida dos Frades Menores, onde quer que se encontrem*. Por isso, as *Linhas-guia* são para cada Frade da Ordem. De fato, é essencial «conservar o silêncio» (RE 3) para entrar na área da comunicação e comunhão com Deus; só o silêncio exterior e interior, que requer tempos e lugares de solidão, possibilita a escuta e a recepção não só da Palavra, mas também da presença d'Aquele que fala, para obedecer à voz do Filho de Deus e testemunhar a todos que «não há nenhum onipotente, exceto Ele» (cf. Ord 7-11).



PRELIMINARES E METODOLOGIA

As *Linhas-guia* são uma ajuda à Fraternidade universal a fim de aprofundar «o espírito de oração e devoção», chegando a formular indicações concretas para cada Entidade e oferecendo traços para constituir uma Fraternidade de Eremitério ou Casa de Oração. Pensamos que pode ser guia geral que dê referências nas quais todos os Frades podem reencontrar a beleza da dimensão fundamental da oração em nossa Ordem.

O conteúdo deste subsídio foi determinado e indicado na *Decisão 07* do Capítulo geral-2015:

«O Definitório geral encoraje, com a publicação de *Linhas-guia* e a indicação das vias concretas, cada Entidade, ou ao menos cada Conferência, a construir uma Fraternidade de Eremitério ou Casa de Oração (cfr. *EEGG* 15 §1), especialmente dedicada à vida de oração e devoção. Aos Frades seja permitido dedicar tempo e formação para um estilo de oração franciscana, que possa ser útil também para outras Fraternidades».

O trabalho, aqui pedido, não é fácil. Na verdade, encontramos logo dificuldades na compreensão, na diversidade e pluralidade, pois são chamados em causa nossa vida, o Evangelho e a experiência que é inerente ao nosso carisma, expressa com modalidades diversas que vêm da cultura e formação pessoal.

1.1. Algumas precisões

Para iniciar, julgamos importante fazer algum esclarecimento ou dar algumas precisões terminológicas¹ para que entendamos a que nos referimos quando falamos de tais coisas, que dizem respeito à nossa vida, e daquilo

¹ O conteúdo dos pontos a, b, c corresponde ao subsídio da Ordem dos Frades Menores, *O espírito de oração e devoção. Temas para aprofundar e refletir*, organizado pela Secretaria geral para a Formação e os Estudos, Roma, 1996.

que entendemos como *Fraternidade de Eremitério ou Casa de Oração*, especialmente dedicada à vida de oração e devoção.

a. *Contemplação*

No texto latino dos *Escritos* de S. Francisco *contemplação* se acha uma só vez, na Primeira Admoestação: *contemplando-o com os olhos do Espírito* (Ad I, 20). Os apóstolos podiam reconhecer o Filho de Deus, Cristo, na sua carne humana somente contemplando-o com os olhos espirituais. *Contemplação*, nesse texto de Francisco, assume o significado de reconhecer, dentro da realidade, o sacramento vivo de Deus, presente entre nós, na pessoa de Jesus e nos sinais eucarísticos do pão e vinho.

Se a gente amplia o significado de contemplação da *Primeira Admoestação*, poder-se-á dizer que contemplação torna-se o modo de ver, de observar e de reconhecer, com os olhos espirituais da fé, a presença real de Deus neste mundo. A realidade de carne e matéria torna-se possibilidade de ver e crer em profundidade o mistério de Deus. O mundo criado torna-se transparente para reconhecer as marcas de Deus. A única premissa para a contemplação são os olhos espirituais, a saber a capacidade de ver tudo com os olhos do Espírito. Essa premissa conduz-nos à necessidade de *ter o Espírito do Senhor e sua santa operação* (Rb X, 8).

Santa Clara de Assis, nas *Cartas a Inês de Boêmia*, usa essa terminologia mais vezes do que S. Francisco. Exprime o modo de viver em íntima relação com os mistérios da vida humana de Jesus Cristo, vendo-os e imitando-os, para ser totalmente memória viva de sua presença. Clara aproxima-se de Francisco, muito mais do que fizeram seus biógrafos, que permanecem mais na visão tradicional da contemplação: destacar-se do mundo para se aproximar dos mistérios celestes.

Retomando o significado da contemplação nos *Escritos* franciscanos, pode-se notar que Francisco e Clara dão à contemplação um sentido muito concreto e dinâmico: eles reconhecem a presença de Deus e de sua encarnação, mediante a fé, dentro do mundo e na carne.

b. *Ter o Espírito do Senhor*

Na *Primeira Admoestação* Francisco diz que o Espírito do Senhor habita nos fiéis na medida em que participam dele. É o mesmo Espírito que realiza todo o bem no irmão, o qual, por isso, pode ser reconhecido

como servo de Deus (cf. *Ad XII*). O Espírito do Senhor opera em nós a total participação e comunicação às virtudes trinitárias (cf. *Rnb XVII*, 14), a ponto de realizar o envolvimento do Frade na mesma vida trinitária. Com a ajuda do Espírito, o Frade faz parte do amor e da comunhão da Trindade (cf. *2Fi 48ss*).

Essa comunhão de amor exprime-se na vida quotidiana do Frade, o qual, ao abrir-se a essa íntima união e ao vivê-la, consegue que seu comportamento, suas obras e suas palavras sejam obras do mesmo Espírito que mora no fiel penitente (cf. *2Fi 48ss*). Quando Francisco admoesta seus Frades a ter sempre o *Espírito do Senhor e sua santa operação* (*Rb X*, 8), convida-os a viver naquela relação com Deus, que é «unidade simples e trindade perfeita», a tal ponto que essa relação se exprima em obras boas, operadas pelo mesmo Espírito do Senhor, na vida dos Frades.

Nos *Escritos* de Francisco, com efeito, a palavra *operação* exprime, na maioria das vezes, a presença salvífica de Deus nas ações e na atitude concreta do Frade. Assim também a vida da Fraternidade será orientada pela ação salvífica, que Deus iniciou em vista do homem e da criação. Vivendo como habitação do Espírito, deixando que Ele opere, cada Frade e a Fraternidade tornam-se sinal vivo da salvação para o mundo. Com essa visão do homem espiritual, Francisco se afasta de toda divisão dualista porque vê cada homem e toda a criação como “animados” pelo Espírito e por sua ação.

c. *Espírito de oração e devoção*

Com a expressão *espírito de oração e devoção*, Francisco aprofunda sua visão de Frade Menor como habitação do Espírito. Francisco usa essa expressão, seja na *Regra bulada* (cf. *Rnb V*, 2), quando trata do trabalho dos Frades, seja na *Carta a Frei Antônio*, na qual fala do modo de ensinar e estudar Teologia (cf. *Ant*), fazendo referência ao texto da mesma Regra. Seja qual for o tipo de trabalho e também o estudo de Teologia não devem impedir de viver segundo o espírito de oração e devoção. Nem trabalho nem estudo de Teologia são vistos em contraste com esse espírito. Mas é claro que toda a vida, portanto também o trabalho e o estudo, deve desenvolver-se nesse espírito de adesão familiar a Deus.

A vida de oração, como expressão do espírito de razão, tem lugar privilegiado na vida dos Frades, orientando a si mesmos e a todo o resto,

inclusive o trabalho e o estudo, em direção a Deus. A justa devoção, então, exprime essa atitude de orientação amorosa rumo a Deus em qualquer momento da vida, não apenas se a gente reza devotamente, mas também se a gente trabalha devotamente. O espírito de oração e devoção assegura a continuidade da conversão do penitente no seguimento de Cristo, procurando em todo lugar e em todo momento e sempre, com todo o coração e todas as forças, o Altíssimo e Sumo eterno Deus, que nos criou e remiu, para agradecer-lhe e adorá-lo (cf. Rnb XXIII, 8).

d. Fraternidade de Eremitério

O Eremitério franciscano é uma Fraternidade instituída como parte vital da Província (cf. EEGG 15 §1), com a peculiaridade de organizar a vida segundo a *Regra dos Eremitérios*, num lugar à parte e num estilo de vida sóbria e simples. A experiência contemplativa na solidão faz parte da herança franciscana e é um modo de aprofundar a vida em Deus. Afastar-se para rezar supõe uma busca radical do Reino de Deus e sua justiça (RE 3).

A hagiografia e as crônicas franciscanas mostram a predileção de S. Francisco pelos lugares retirados (montanhas, grutas, florestas, ilhas). Esses lugares testemunham a experiência privilegiada de oração, num ambiente despojado e em meio à criação. Segundo os hagiógrafos, desde o início da Ordem, a vocação à vida de oração radical aparece como dilema para S. Francisco e seus irmãos (cf. *1Cel* 35; *LM* XII, 1). Isso exprime a tensão necessária entre retirar-se à solidão e andar nos caminhos da evangelização.

A experiência franciscana *daqueles que desejam levar vida religiosa nos eremitérios* (RE 1) é inovação no eremitismo cristão, pelo estilo proposto: vida retirada em pequena Fraternidade, baseada sobre duplo modelo evangélico (Marta e Maria) e familiar, cuidando um do outro (mães e filhos); alternância regular dos papéis e responsabilidades, prioridade dada ao Ofício divino e às buscas das coisas de Deus; contexto pobre (mendicância) e solitário (clausura).

e. Casas de Oração

A *Casa de Oração* é a Fraternidade particularmente dedicada à oração, com a missão *de ter o espírito de oração e devoção*. É Fraternidade aberta a acolher pessoas de toda e qualquer proveniência e sexo.

As Fraternidades de oração, abertas ao mundo, querem tornar acessíveis estes *refúgios de íntima oração* (EEGG 13). Sejam acolhedoras dos fiéis em busca de espaços com atmosfera de silêncio e recolhimento. Fazemos um serviço de evangelização para os que desejam o retiro na solidão, encontrando pessoas e grupos que pedem para ser iniciados no mistério de Deus, na oração pessoal e comunitária. A *Casa de Oração* acompanha essas pessoas em sua busca de Deus, mediante uma pastoral de oração, dando também algumas indicações para a pedagogia franciscana da oração (cf. EGG 15 §2).

Em nossos tempos de profunda secularização, de imanência móvel, nos quais a abertura ao transcendente não é habitual nas pessoas, segundo os diferentes lugares nos quais vivem os Frades, certamente se deverá ter presente os destinatários dessa pastoral da oração, distinguindo entre os que possuem importante experiência espiritual e os que não têm nem elementar vida de fé.

1.2. O texto que nos inspirou (RE)

Os Frades, fiéis à própria profissão, onde quer que estejam, no lugar e serviço a eles confiado, *sigam na oração a Cristo e as pegadas de S. Francisco* (cf. EGG 19 §§1-2). Há uma sacramentalidade da Fraternidade que não está limitada ao espaço e tempo, que inclui todos os Irmãos onde quer que estejam. Custodiar a Presença do Senhor permite viver a garantia do outro, criando assim a Fraternidade. Na medida em que nos afastarmos dessa consciência espiritual profunda, nos afastamos da “graça” e comunhão com os irmãos. A gente pode fazer tantas coisas em termos de ocupação, de serviço e de atividade, mas com o risco de não desenvolver a própria vocação e missão. Nesse sentido, será importante ver como os “núcleos vitais”, pesquisados na *Regra dos Eremitérios*, podem iluminar e nos ajudar a viver a forma de vida que professamos na Regra.

Por meio de um olhar cultural e histórico da vida da Ordem, sabemos que Francisco e seus irmãos, refletindo sobre a narração evangélica da vida de Jesus, conseguiram harmonizar o difícil equilíbrio entre vida ativa e contemplativa. Francisco respondeu assim às exigências que a Fraternidade mesma apresentava: a permanência entre o povo, a exortação à penitência e ir a lugares solitários de oração, que favoreciam o colóquio direto com Deus. Esse é o eterno dilema, hoje, como naquele tempo. Por isso, tanto ao nível metodológico como prático, pensamos que seja fundamental focalizar-nos sobre o próprio texto de Francisco², fonte vital e sempre atual. A *Regra*³ de vida nos eremitérios diz:

«Os que desejam levar a vida religiosa nos Eremitérios sejam três irmãos ou, ao máximo, quatro. Dois deles sejam as mães e tenham dois filhos ou, ao menos, um. Os que se fazem de mães sigam a vida de Marta, e os dois filhos sigam a vida de Maria.

E esses tenham um claustro, no qual cada um tenha uma pequena cela, na qual possa orar e dormir. E sempre recitem as Completas do dia, logo depois do anoitecer, e procurem conservar o silêncio e digam as Horas litúrgicas e se levantem de manhã e, antes de tudo, procurem o Reino de Deus e sua justiça. E digam a Prima na hora conveniente. Depois da Terça, quebrem o silêncio e podem falar e dirigir-se às suas mães. E quando lhes agradar, poderão pedir-lhes esmola, como pobrezinhos, por amor do Senhor Deus. E, em seguida, digam a Sexta e a Noa; as Vésperas sejam ditas na hora conveniente. E no claustro, em que moram, não seja permitido que entre alguma pessoa e não comam ali. E aqueles irmãos, que se fazem de mães, procurem estar longe de toda pessoa e, por obediência a seu Ministro, custodiem seus filhos de toda pessoa, para que ninguém possa falar com eles. E esses filhos não falem com ninguém a não ser com suas mães e com o Ministro e Custódio, quando lhe agradar visitá-los com a bênção do Senhor Deus.

Os filhos, porém, assumam, às vezes, o ofício de mães, como lhes parecer oportuno dispor de revezar-se segundo as circunstâncias, procurando observar, com atenção e desvelo, todas as coisas ditas acima».

2 FRANCISCO DE ASSIS, *Escritos*, ed. Crítica, org. C. Paolazzi, Ed. Quaracchi, Grottaferrata (Roma), 2009, 345.

3 O texto latino não faz referência a uma “regra”, diz: “*Illi qui volunt religiose stare in eremis...*”. Por isso, convém chamá-lo simplesmente “*Aqueles que desejam levar vida religiosa nos eremitérios...*”. O título “*Regula pro eremitoriis*” foi dado mais tarde por K. Esser: cf. K. ESSER, *Gli Scritti di S. Francesco d’Assisi*, Padova 1982.



O CONTEXTO DA VIDA EREMÍTICA DE FRANCISCO: UMA PROPOSTA ORIGINAL

Desde os inícios de sua experiência, para Francisco e seus irmãos, o Evangelho de Jesus e sua Pessoa representaram o critério decisivo de referência, a *norma* de sua vida. Francisco, quase no fim de sua vida, o recorda ao reforçar que o mesmo Altíssimo lhe havia revelado para viver segundo a forma do santo Evangelho (cf. *Test* 14). Desde os primeiros anos – a ele primeiramente e, depois, a seus companheiros – apresentaram-se várias dificuldades sobre como deviam viver os Frades, quais relações deviam ter com o mundo, pois haviam decidido mudar de vida e deixar a lógica mundana.

Houve uma passagem fundamental que a sociedade medieval viveu no tempo de Francisco: a passagem de feudo à comuna. Muda, por isso, o modo de relacionar-se entre as pessoas, passando da mentalidade feudal (relação de modo vertical, patrão-súdito) à novidade das comunas que promoviam a relação horizontal, se bem que limitada a alguns grupos: de irmão a irmão. Tal mudança incide sobre o modo de pensar das pessoas daquele tempo, entre elas, Francisco e seus Frades.

Que tipo de vida, portanto, devia levar a primeira Fraternidade? E, sobretudo, quais deviam ser os tempos e as modalidades de sua permanência entre o povo e quais os tempos de retiro em lugares solitários, que favoreciam o colóquio direto com Deus? Francisco e seus companheiros conseguiram desfazer o difícil nó, imitando a narração evangélica da vida de Jesus.

Tomás de Celano, na primeira *Vida* apresenta, certamente, Francisco que decidira viver segundo o Evangelho, logo após ter recebido a aprovação oral de Inocêncio III. Encontra-se, porém, diante do dever de enfrentar a questão sobre a modalidade da vida. Celano diz: «segundo o beato pai, que estava cheio de felicidade, entraram, então, no vale de Espoleto. Discorriam entre si,

verdadeiros cultores da justiça, se deviam viver entre os homens ou retirar-se a lugares solitários»⁴.

Sabemos que a primeira Fraternidade franciscana acabou por adotar especial forma de vida entre Eremitério e Cidade⁵. Isso se entrevê num escrito de Tiago de Vitry, de 1216. Na carta, Vitry mostra-nos que Francisco e seus Frades viviam essa interessante alternância: «Eles entram, durante o dia, nas cidades e nos vilarejos, aplicando-se ativamente em lucrar outros para o Senhor; à noite, retornam aos eremitérios ou a algum lugar solitário para dedicar-se à contemplação»⁶.

O testemunho, nos primeiros anos de vida dessa nova “religião”⁷ ajuda-nos a compreender o estilo, o *modus vivendi*, o crescimento e o ideal que Francisco e seus companheiros estavam realizando concretamente. Se de um lado, portanto, a Fraternidade primitiva escolhera uma vida feita de humilde trabalho manual e de corajoso testemunho entre os homens, entre os quais anunciavam a penitência como menores (cf. *Rnb* IX 1-2); doutra parte, de testemunhos já encontrados, percebemos que o contato com as pessoas, por parte dos Frades, não esgotava seu ideal evangélico, transcorrendo também momentos de solidão, durante os quais cultivavam intensa oração. Sabemos que, para alguns Frades, a busca da vida solitária, dedicada à oração, tornou-se bem rapidamente uma das modalidades de pôr em prática a Palavra do Senhor Jesus⁸.

Podemos intuir que essa orientação determinante acontece porque a única referência válida era para eles a *sequela Christi*. A *sequela* não é ‘doutrina nova’, estática e racional, mas é simplesmente consequência da reflexão sobre o mistério da Encarnação e sobre o próprio estilo de vida de Jesus e seus discípulos⁹.

Um texto fundamental para compreender tal alternância é a *Regra não bulada*. Nela podemos ver como se fala do progressivo crescimento e

4 *1Cel* 35.

5 Cfr. S. BORTOLAMI, *Minorismo e desenvolvimento urbano entre Duzentos e Trezentos: o caso de Pádua*, em *Esperienze eremitiche nel Veneto del Due-Trecento. Atti del Convegno nazionale di studi francescani* (Padova, 28-30 setembro de 1984), Padova-Vicenza, 1985 [= *Le Venezie francescane*, n. s., II/1-2], 84; G. G. MERLO, *Tentações e constrangimentos eremíticos, in Entre eremitério e cidade. Estudos sobre Francisco de Assis e franciscanismo medieval*, S. Maria degli Angeli-Assisi, 1991, 114-15, 120, nota 25; P. MESSA, *Entre vida eremítica e pregação*, Assis, 2009.

6 *1Vitry* 9.

7 Cf. *1Vitry* 11.

8 Cf. G. G. MERLO, *Tentações e constrangimentos eremíticos...*, *op. cit.*, 114-132.

9 Para a primeira Fraternidade viver segundo a forma do santo Evangelho, quer dizer: imitar a humildade e pobreza do Senhor e seguir suas pegadas (cf. *1Pt* 2,21).

compreensão de que os próprios Frades haviam amadurecido ao longo dos primeiros anos de experiência na Fraternidade. A partir de tais textos, pode-se notar que o grupo de Frades levava uma vida religiosa dinâmica e ativa, em vez de estática e predeterminada, prescindindo das características pessoais. Assim, da *Regra não bulada* se deduz:

- a. inicialmente, todos os Frades trabalhavam e todos anunciavam aos homens a penitência (cf. *Rnb VII*);
- b. haviam Frades que se dedicavam à pregação; outros, à oração e ainda outros, ao trabalho (cf. *Rnb XVII*);
- c. cada Frade podia dirigir a todas as categorias uma exortação com a bênção de Deus (cf. *Rnb XXI*).

O primeiro ponto sublinha a importância do trabalho na primitiva Fraternidade franciscana, enquanto que o terceiro ponto deixa entender o conteúdo que devia haver na primitiva pregação (ou exortação), permitida a todos os Frades. Nossa atenção, porém, cai sobre o segundo ponto, pois nos encaminha, de modo claro, à divisão funcional, típica da vida da sociedade da alta Idade Média. Havia, na verdade, subdivisão entre os homens: uns dedicavam-se à oração; outros, ao uso das armas e outros dedicavam-se ao trabalho manual¹⁰.

É interessante notar que, na *Regra não bulada* (cf. *Rnb XVII*), pregação, oração e trabalho se colocam, em continuidade conceitual e até terminológica, com a divisão tri-funcional da vida da sociedade da alta Idade Média. Pode ser afirmado a esse respeito que, ao interno da primeira Fraternidade, se consolidava sempre mais a diversificação, na qual grupos de Frades viviam de modo diferente os vários ministérios: «Os pregadores [...] representavam já um grupo separado; também os trabalhadores se configuravam como grupo específico, pois não constituíam mais a totalidade dos irmãos, mas somente parte deles. Certamente boa parte ainda e, de qualquer modo progressivamente, o número decrescia. E os “oradores”? Creio que aqui se faça referência àqueles Frades que escolhiam viver nos eremitérios e para os quais Francisco escreveu uma Regra especial»¹¹.

10 Os que se dedicavam à oração eram os religiosos, o clero; os que se dedicavam ao uso das armas eram, geralmente, os nobres, e os que se dedicavam ao trabalho manual eram as pessoas comuns, como os agricultores. Cfr. G. DUBÿ, *Lo specchio del feudalesimo. Sacerdoti, guerrieri e lavoratori*, Roma-Bari, 1981.

11 F. ACCROCCA, *Francisco e sua “Fraternitas”; Caráteres e desenvolvimentos do primeiro movimento franciscano*, in F. ACCROCCA - A. CICERI, *Francisco e seus Frades. A Regra não bulada: uma Regra a caminho*, Milão, 1998.

Alguns Frades, portanto, eram mais propensos à oração, outros ao trabalho e outros à pregação, apesar de que todos vivessem juntos e segundo o estilo da Fraternidade. O próprio Francisco foi descrito pelo hagiógrafo como um homem que vive essa alternância, imerso entre as multidões e dedicado ao anúncio do Evangelho, mas sempre em busca de um lugar solitário para dedicar-se à oração e contemplação. O Santo de Assis, atento qual mãe às necessidades dos filhos e às necessidades das almas, desejou que os lugares de vida dos Frades fossem próximos da cidade, mas fora dos centros habitados, de tal modo a garantir espaços silenciosos para a oração silenciosa (in *eremis*).¹²

2.1. A recepção na Ordem da vida eremítica proposta por Francisco. Alternância: Eremitério-Cidade

A vicissitude mesma de Francisco de Assis foi definida como alternância entre Eremitério e Cidade¹³ e segundo os hagiógrafos do Santo, a questão do modo de viver se apresentou cedo à *Fraternitas* minorítica. De fato, Tomás de Celano na *Vita beati Francisci* afirma que ele se perguntava que tipo de vida devia escolher, ou seja «se deviam levar suas vidas entre os homens ou retirar-se a lugares solitários». S. Francisco «escolheu viver não apenas para si, mas para Aquele que morreu por todos, bem consciente de ter sido enviado para lucrar almas para Deus, almas que o diabo tentava raptar»¹⁴. Disso resulta que não havia tensão entre contemplação e pregação, mas alternância e isso não apenas como *fraternitas*, mas pessoalmente na vida do próprio Santo: «Por isso, frequentemente buscava lugares solitários para poder volver completamente sua alma a Deus. Contudo, quando o julgava oportuno, não hesitava um instante em passar à ação, dedicando-se de bom gosto à salvação do próximo»¹⁵. O desejo de Francisco era «dividir e destinar o tempo que lhe era concedido para adquirir graças», e levava «consigo pouquíssimos companheiros entre os mais íntimos e participantes de sua vida, para que o

12 Sobre a modalidade da oração de Francisco e sobre sua busca de lugares solitários, nota aos ensaios O. SCHMUCKI, «*Secretum solitudinis*». *De circumstantiis externis orandi penes sanctum Franciscum Assisiensem*, in *Collectanea Franciscana*, 39 (1969), 5-58; O. SCHMUCKI, «*Mentis silentium*». *O programa contemplativo na Ordem franciscana primitiva*, in *Laurentianum*, 14 (1973), 177-222; O. SCHMUCKI, *Lugar de oração, ermo, solidão. Conceitos e realização em S. Francisco de Assis*, in *As Casas de Oração na história e espiritualidade franciscana*, (org. por di F. Mastroianni), Napoli, 1978, 31-53.

13 Cf. F. Accrocca, *Da alternância à alternativa Eremitério e cidade no primeiro século da Ordem franciscana: uma consulta através os escritos de Francisco e as fontes hagiográficas*, em *Via spiritus* 9 (2002), 7-60.

14 *1Cel* 35.

15 *1Cel* 71.

salvaguardassem de visitas e de perturbação dos homens e fossem custódios amorosos e fiéis de sua quietude»¹⁶.

Boaventura, em *Vita beati Francisci*, chamada normalmente *Legenda Maior*, retoma o que disse Tomás de Celano a respeito da questão se devia dar-se à contemplação ou também à pregação, mas acaba dizendo que a resposta de Francisco fosse somente a pregação: «[...] a vontade divina era que ele, arauto de Cristo, saísse e pregasse». Pietro de Giovanni Olivi expressou-se em termos bastante equilibrados e na substancial fidelidade àquela que foi a inspiração originária da inicial *Fraternitas minoritica*; de fato, declara como mais perfeita a vida de Cristo, dos apóstolos e de S. Francisco, em que algum tempo é dedicado à solidão eremítica e outro tempo à pregação¹⁷.

Bernardino de Siena disse de S. Francisco: «A vida mista a tomou Cristo, atendendo a Deus e ao próximo. [...] Assim, de forma semelhante, fez S. Francisco [...] que considerava Deus e o homem. Dando a um e ao outro parte do tempo»¹⁸. Tal vida atribuída por Bernardino a Francisco era modelo de vida para os Frades Menores, que aderiam à Observância, a tal ponto que não causa maravilha que Jerônimo de Udine tenha escrito, em 1457, em favor de seu companheiro de pregação João de Capistrano, um ano após a sua morte ocorrida em 1456: «Porque tudo em sua vida se traduzia em ação, era encontrado entregue ou à oração ou à pregação ou à leitura ou a atividades egrégias. Não poderia convencer-me, por isso, que encontrasse um homem mais beato, capaz de exercitar-se na contemplação durante a ação, ou cumprir ações durante a contemplação»¹⁹.

Assumindo a via da alternância. Devemos fazer referência a Pedro de Alcântara (1499-1562), no qual encontramos um impulso fecundo de reforma na Ordem, convocando os Frades às origens franciscanas. A excepcional santidade de vida encontra válida atestação em seus numerosos escritos, o mais conhecido é o *Tratado da oração e meditação*. No santo permanece extraordinário o exemplo de sua vida e o altíssimo grau de contemplação, de austeridade pessoal e dons místicos favorecidos por Deus²⁰. Precisou no

16 1Cel 91.

17 Cf. P. G. OLIVI, *Lectura super Matthaeum*, cit. in G. L. POTESTÀ, *História e escatologia em Ubertino de Casale*, Milão, 1980, 214.

18 BERNARDINO DE SENA, *Sermão XLIV*, 47-48, 56-57, in Id., *Sermões vulgares sobre o Campo de Sena 1427*, org. por C. Delcorno, II, Milão, 1989, 1324-1327.

19 G. DA UDINE, *Vida de Fr. João de Capistrano*, 11, Cúria Provincial dos Frades Menores - Convento S. Bernardino, Aquila, 1988, 31-32.

20 Cf. POSTULAÇÃO GERAL OFM, *Frades Menores Santos e Beatos*, org. por Silvano Bracci e Antonietta

Tratado que «o servo de Deus deve preocupar-se de ter o tempo estabelecido para ocupar-se de Deus, mas que, além desse tempo usual de cada dia, deve, uma ou outra vez, livrar-se de todo tipo de ocupação, contanto que seja para dedicar-se totalmente a exercícios espirituais e dar à sua alma abundante refeição, com a qual recupera aquilo que, cada dia, se perde por causa dos próprios defeitos e adquira novas forças para ir adiante»²¹.

O capuchinho Mattia Bellintani de Salò em *Vita, morte e miracoli del beato Felice da Cantalice* afirma que «ele era intermediário entre o mundo e a religião, levando a esse a necessidade dela, e a ela, as provisões dele; assim ele estava entre Deus e os homens, a ele oferecendo as necessidades e, por ele, as graças levando»²². Ser “intermediário” para o hagiógrafo torna-se também um estilo de vida pessoal de S. Felice de Cantalice: «Tinha ele dividido os tempos da noite e do dia: dava a noite a Deus, o dia ao próximo, e em ambos santificava a si mesmo»²³.

Tal indicação para os Frades influenciou não somente seu estilo de vida adotado, mas também as narrações dos hagiógrafos. Assim, por exemplo, Pacífico de Rimini, narrando *Della vita e delle eroiche virtù del Venerabile padre Leopoldo da Gaiche* – que, nas pegadas de S. Leonardo de Porto Maurício, difundiu a Via Sacra para que as pessoas pudessem ressurgir para a vida nova – escreveu que «tinha as ocupações do dia e da noite tão bem dispostas que, ora se acomodando aos negócios, ora os negócios se acomodando a ele, satisfaziam uma vez a ele mesmo e com perfeita vicissitude aos diversos ofícios das duas irmãs Marta e Maria, atendendo em vantagem dos próximos como para própria santificação, inalteravelmente»²⁴.

No século XX, a alternância entre vida contemplativa e pregação é percebida como aspeto nevrálgico da vida franciscana. Por exemplo, Gerardo Cardaropoli, escrevendo sobre Fr. Gabriele Allegra, afirma: «Qual é o carisma intrínseco da vocação franciscana? Fr. Allegra disse-o explicitamente muitas vezes: é a relação entre a raiz contemplativa e sua concretização no apostolado;

Pozzebon, Roma, 2009, 233-235.

21 S. PEDRO DE ALCÂNTARA, *Tratado de oração e meditação*, Ed. Comunidad Franciscana del Palancar, El Palancar, 2009, II parte, V capítulo, V (a tradução é nossa).

22 MATTIA DA SALÒ, *Vida, morte e milagres do beato Felix de Cantalice*, 8, org. por V. Criscuolo, Istituto Storico dei Cappuccini, Roma, 2013, 66. A respeito do contexto de tal obra, cf. C. CALLONI, Os «estados» da reforma capuchinha (1528-1596), em *Italia Franciscana* 84 (2009), 445-476.

23 MATTIA DE SALÒ, *Vida, morte e milagres do beato Felix de Cantalice*, 13, 96.

24 *Da vida e das virtudes heróicas do Venerável padre Leopoldo da Gaiche [...] do P. Pacifico dE Rimini, Da mesma Ordem e membro da mesma Província*, Tipografia Tommassini, Foligno, 1835, 86.

a contemplação, compreendida como busca da vontade de Deus e o apostolado como concretização do mandato recebido».

Numa frase da prece ao beato Leopoldo de Gaiche – para usar as mesmas palavras de Fr. Allegra: “O espírito, o carisma da Ordem é expresso com doçura e com força na oração ao beato Leopoldo” – então, Fr. Gabriel entrevê “seu programa de vida”: «as quatro graças» do carisma franciscano, a saber, a santidade, o apostolado, a sabedoria, o martírio, ou seja: o amor pelo Pai Celeste, vivo em Jesus, o amor pela Mãe Imaculada, o amor pela Igreja. E acrescenta: «Finalmente as palavras que se leem (ou se liam) na oração ao beato Leopoldo de Gaiche: *in solitudine Deum quaerere et in medio populi tui salutem operari...*»²⁵.

25 G. CARDAROPOLI, *P. Gabriele Maria Allegra, um franciscano do século XX*, Ed. Porziuncola, Assisi, 1996, 35-37.



ALGUNS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA REGRA PARA OS EREMITÉRIOS

Do texto da *Regra para os eremitérios* (cf. acima 1.2) emergem estes pontos importantes: *é a Fraternidade e cada Frade que vive a experiência de oração*. S. Francisco propõe *um estilo de vida*, de “mães” e de “filhos”, tendo como referência essencial a imagem evangélica de Marta e Maria. O intuito genial e fascinante do Santo de Assis está centrado sobre *acolher e escutar o Senhor*. Exorta cada Frade a *esmolar como pobrezinho* e viver como filho, como “menor”, numa *alternância dinâmica e fecunda (de filho a mãe)*, que ajuda compreender profundamente a custódia recíproca, fazendo parte de um caminho de liberdade, que através de “doce dependência” um do outro, abre-nos à relação com o Outro, o Senhor. Tentemos aprofundar os pontos indicados acima.

A. *A Fraternidade e cada Frade.*

A Fraternidade e cada Frade não são apenas um dom potencial do Senhor, mas são «o lugar místico» em que se vive o Evangelho. É o lugar em que se vive a experiência de oração e de encontro com o Senhor. A Fraternidade é dimensão muito mais ampla do que pensamos. Para o próprio Francisco, desde as origens, o Senhor manifestou a ele que devia viver o Evangelho com os irmãos. E escreve no *Testamento: E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que devia fazer, mas o próprio altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho (Test 14-15)*. Se não houver irmãos, tudo é mais pobre, estéril e triste, e, sobretudo, não haveria a riqueza da experiência da Fraternidade no Senhor, nem a partilha de sua Palavra. Em Francisco há *a unidade do simultâneo*. Francisco, antes de tudo, fala da importância da relação entre os Frades e, ao mesmo tempo, intui que deste modo se aprende a viver concretamente a relação com Deus, envolvendo todos e totalmente a si mesmo. Nessa *simultaneidade* não podemos dividir a experiência da relação com o outro e com os irmãos, a partir da experiência com o Senhor.

Há *unidade*. Essa é a experiência revelada pelo Senhor a S. Francisco e aos seus confrades; um convite a viver na Fraternidade a experiência espiritual de Betânia, como Marta e Maria, sendo “mães” e “filhos”.

B. *Um estilo de vida*

É notável a forma concreta de como Francisco propõe algo imediato. Parece-nos importante notar um traço típico seu: através da *imagem* evangélica de Marta e Maria (cf. Lc 10,39-40), no breve texto sobre a vida nos eremitérios, utiliza alegorias e imagens femininas para falar de si e da vida dos Frades²⁶. As exortações com que Francisco pede aos Frades, que se encontram nos eremitérios, de evitar os contatos com as pessoas, o convite feito às “mães” a fim de que custodiem seus “filhos” de todo estranho, de tal modo que nenhum possa falar com eles, fazem pensar que, muitas vezes, os Frades que moravam nos eremitérios, ao menos em alguns momentos, eram perturbados e distraídos pelo contato com as pessoas. Por isso, Francisco sublinha o papel importantíssimo de “Marta”, a mãe que permite ao filho de viver em solidão e oração para receber a Vida. A mãe doa a vida: é sua vocação, é consagrada a essa oferta viva²⁷. O verdadeiro amor fraterno contém em si a delicadeza confidente e a efetiva generosidade do amor materno, protege e se sacrifica para os próprios filhos (cfr. *Rnb* 9,10-11). Tais papéis são coessenciais: um não exclui o outro. É em tal relação de custódia materna e respeitosa que se busca espiritualmente o lugar de “Betânia”, lugar em que acontece o acolhimento e a gente senta-se para escutar o Senhor. Por isso, a relação de que fala Francisco é plena de afeição e atenção recíproca²⁸. Percebemos que esse estilo de vida, e “lugar vital”, é a mediação que “conduz” cada orante a Betânia, na oração e no diálogo com o Mestre. Simplesmente, esse lugar espiritual tem como fim último encontrar-se e estar com o Senhor.

C. *Acolher e escutar o Senhor*

Os que são “filhos-Maria”, são chamados a *acolher, sentar-se* aos pés do Senhor e *escutar* sua voz. É convite necessário para conhecer o Senhor. O estar em oração assegura e custodia o primado e a relação com Deus em

26 O. VAN ASSELDONHK, *A Regra 'pro eremitoriis data'*, em *Studi e ricerche francescane*, 8 (1979), 12-14; J. DALARUN, *Francisco: uma passagem*, 45-47.

27 *Consagrar e oferecer* encontram seu significado espiritual no texto paulino, em que S. Paulo escreve: *oferecei vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12,1-2)*. A oferta da vida é dom constituído do Espírito do Senhor.

28 Cf. *2Fi* 49-53; *Le*.

nossa vida. Francisco, no breve texto, evoca o Evangelho: *antes de tudo procuremos o Reino de Deus e sua justiça* (cfr. Mt 6, 33; Lc 12, 31; Rnb XXII, 26; Rb V,2). Procurar o Reino de Deus é uma realidade tanto interior como exterior; é a manifestação do Senhorio de Deus em nós, senhorio esse que se torna experiência da graça divina. Tal dom o homem não pode nem comprar nem tentar conquistar com as próprias forças, porque vem de Deus, mas é chamado a acolhê-lo e fazer a experiência dele. O sentido de *justiça*, contudo, no contexto franciscano, significa *restituir a beleza ao que foi deformado*²⁹, a saber, restituir a beleza tal como Deus a desejou e pensou, porque toda beleza vem de Deus. No restituir a beleza a alguma situação ou relação rompida ou “deformada” pelo modo errado de amar, nós vivemos e experimentamos a Presença de Deus. É essa graça que restitui uma ordem espiritual interna, uma *ordem sacra*³⁰.

Na compreensão de S. Francisco, esse caminho interior de *busca do Reino de Deus e sua justiça* precisa de um tempo de solidão e trabalho interior, o qual podemos definir como *solidão em fraternidade*. Essa é uma característica típica franciscana, única, enquanto se afasta da modalidade e do pensamento clássico de viver o Eremitério. A solidão de que fala Francisco, no breve texto sobre *Os que querem levar vida em eremitério* (cf. RE 1), não é a vida dum eremita no deserto, mas é um convite à solidão custodiada pela presença da Fraternidade. Essa experiência, naturalmente, se faz no modo justo, não se torna violação ou redução do silêncio, mas é solidão que implica linguagem e comunicação mais profunda, na qual os “filhos” oram em solidão, sabendo e conhecendo estar silenciosamente custodiados pelas “mães”. Para tornar concreto tudo isso – a organização dos espaços, do tempo, da possibilidade de estar em lugares retirados e para celebrar a Liturgia das Horas – há modos necessários para favorecer a escuta do Senhor, seu *senhorio* e sua justiça em nós. A tradição da própria Igreja sempre custodiou e propôs essa “solidão habitada” qual caminho privilegiado de encontro com o Senhor. Esse nos coloca dentro da dimensão da pobreza e minoridade, que deveria conduzir-nos a viver sempre mais como “filhos-discípulos”, na escuta do Mestre.

29 Cf. BONAVENTURA, *Collationes in Exaëmeron* I, 34.

30 Uma Ordem sacra, *pôr em ordem sagrada* (do grego: διατίθημι ἀρχήν). É quando fazemos experiência em nossas variadas relações concretas conosco mesmos, com os outros e com Deus. Se não procuramos esse primado da *Justiça*, no sentido profundo e espiritual, nosso ministério, nossa missão, arriscam de nada valer (cf. 1Cor 13, 2).

D. Esmolar como *pobrezinhos*

Outro aspecto interessante, que emerge da breve norma de vida, é a capacidade de Francisco em harmonizar a busca do primado de Deus com as relações humanas e mútuas. O Santo de Assis, que conhece muito bem a riqueza de ser pobre, parece evidenciar a relação “mãe-filhos” como paradigma existencial, no qual a pobreza do filho é vivida como gratidão para com a “mãe”...: sinal providencial do cuidado por parte do *grande Esmoler*. Isso significa viver como filhos necessitados e “menores” para confiar no Senhor, que usa as mediações de irmãos e do “livro da criação” para manifestar a solicitude divina para com suas criaturas (cf. *2Cel 77*). Os “filhos” são chamados a não “exigir”, mas a “depende” das ‘mães’, como *pobrezinhos*, diz Francisco, e a esmolar *por amor do Senhor Deus* (cf. *RE 5*). Reconhecer-se necessitado e dependente de outro não é fácil, especialmente quando estamos acostumados a viver uma vida autônoma e independente, contudo é parte essencial da vida franciscana ser pobre e dependente por ser “filhos” simplesmente livres de todo tipo de preocupação do mundo (cf. *Mt 6,24-34*). Nesse sentido, poderemos dizer que os “filhos” experimentam ser criaturas amadas, para renascer espiritualmente e ser atraídos ainda pelo fascínio de ter vivido a relação mais importante: a de estar com o Senhor.

E. Alternância libertadora

Um ponto muito importante é a alternância para a qual Francisco convida os Frades: os Filhos, às vezes, assumem o ofício de mães, como lhes parece oportuno revezar-se segundo as circunstâncias, procurando observar todas as coisas ditas anteriormente (cf. *RE 10*). Essa intuição do Santo de Assis é única e original. De uma parte, essa alternância evoca profundamente o estilo franciscano, o ser “menor”: o papel de ser “mãe” para com o “filho” não é papel de domínio ou de posse, mas é sempre dimensão tipicamente feminina e materna. Para Francisco, *mater* significa cuidar do outro em sua concretude (nutrir e custodiar), semelhante a ministro, a saber, servir os irmãos; é “o amor livre”, que deseja o verdadeiro amor para o outro (cf. *Rnb IX,10-11*). De outra parte, nessa alternância, deixada à discrição dos Frades, Francisco convida os “filhos” a experimentar concretamente o “papel” de “mãe”, para aplicar a regra de ouro para com o irmão que, agora, será chamado a ser “filho”. Nesse modo de alternância, existe a função de garantir uma relação livre, fraterna e materna, que é

responsabilizante, de “mãe”: ela não domina, mas serve; e de “filho”, que não entra numa dependência infantil e sem responsabilidade.

F. Olhar de conjunto

Do que temos dito, o texto, em suas diferentes articulações, tem como ponto nevrálgico *a experiência do encontro*, que consiste em acolher e buscar o Senhor, seu Reino e sua justiça: fonte de toda beleza e de todo bem último. É o caminho dinâmico da alteridade não carente de sofrimento, mas, no fim, leva à consciência de que nada podemos fazer sozinhos. Um caminho, portanto, de liberdade, saindo de nossa ilusão de autonomia que, muitas vezes, nos afasta de nossa vocação profunda: estar com o Senhor. A união dos *núcleos vitais*, que se acham no texto *Daqueles que desejam levar vida religiosa nos eremitérios*, contém a harmonia e a indissolubilidade. O próprio Francisco oferece-o qual conselho que vem de sua profunda experiência com o Senhor. Tal consonância percebemos na oração *Saudações das Virtudes*, que o Pobrezinho de Assis escreveu após ter escutado e contemplado a luz em sua experiência com Deus: *Quem possui uma delas e as outras não ofender, possui a todas, e quem uma só delas ofender, não possui alguma delas e ofende a todas*³¹.

Se o Evangelho é considerado a *norma do amor*, devemos afirmar que o amor não pode estar dividido. Essa indissolubilidade reentra na harmonia dos núcleos, dos quais, se vivermos um aspeto deles sem ofender os outros, vivemo-los todos.

31 SV 6-7. Iluminante é a citação do apóstolo Tiago, que os estudiosos viram na transparência dessa oração: *Todo aquele que observa toda a lei, mas a transgride num ponto, torna-se culpável de tudo* (Tg 2,10).



VIAS CONCRETAS PARA AS FRATERNIDADES DE EREMITÉRIO OU AS CASAS DE ORAÇÃO

Os “núcleos vitais” enunciados evocam aspetos que encontramos na *Regra* dos Frades Menores. Os Frades são chamados a viver e custodiar o chamado do Senhor como dom recebido do Altíssimo. Frequentemente S. Francisco, em seus *escritos*, exorta seus Frades a custodiar a presença do Senhor na própria vida, convidando-os a prestar atenção que «*sobre tudo devem desejar ter o espírito do Senhor e sua santa operação*» (Rb X, 8).

Logo, podemos notar que essa vocação pode ser custodiada nas modalidades propostas por Francisco no texto *Aqueles que desejam conduzir vida religiosa nos eremitérios* (RE 1) ..., ser “mãe” ou “filhos” em busca do primado do Reino de Deus. Tudo isso não só implica a experiência do Frade individual, mas é uma dimensão de profunda comunhão com os irmãos, que vivem a mesma profissão e chamado do Senhor.

Sem pensar de fechar-se em esquemas estáticos, tais sugestões querem ser janelas abertas que enriquecem nossa forma de vida e de pertença ao Senhor. Antes de tudo, esses “núcleos vitais”, podem ser de ajuda aos que se empenham a viver numa *Fraternidade de Eremitério* ou nas *Casas de Oração*, lugares em que a gente se dedica à oração e à devoção, nas formas franciscanas que podem ser destinadas, não exclusivamente, aos Frades.

4.1. *Fraternidade de Eremitério*

Aqueles que desejam conduzir vida religiosa nos eremitérios... Neste parágrafo trata-se de ver como os “núcleos vitais” podem orientar, sugerindo caminhos concretos para a constituição de uma *Fraternidade*, que pretenda viver essa dedicação particular.

1. *Discernimento*. Os Frades são chamados a cumprir um contínuo discernimento como *habitus*³². Nesse caso, os que têm a intenção de viver essa dimensão de vida de oração, são chamados a ter consciência de seu «estar aos pés do Senhor», num estilo de vida pobre e mendicante, num tempo em que *há alternância* no serviço de *Maria* (filho que está aos pés do Senhor) e de *Marta* (que, qual mãe, cuida e custodia o filho).

Não são apenas os que pedem para fazer tal experiência que devem cumprir tal discernimento, mas sobretudo são os Ministros provinciais e os Custódios que devem discernir, com responsabilidade diante de Deus, na consciência de que a Fraternidade do Eremitério não é Fraternidade terapêutica para Frades em dificuldades. O discernimento deverá tornar claro se os Frades são verdadeiramente inspirados pelo Senhor na procura do primado de seu Reino, ou procuram uma escolha que os afaste de sua vocação e realidade (cf. *Rnb XVI*, 4).

2. *Uma Fraternidade*. Antes de tudo, como elemento que caracteriza nossa vida é o dom da Fraternidade. Daquilo que emerge, podemos afirmar que é a Fraternidade que constitui o Eremitério franciscano. Um Frade sozinho pode viver uma experiência de eremita, mas não no sentido franciscano. A Fraternidade do Eremitério não está separada do resto da Fraternidade provincial, mas é parte fundamental na comunhão Trinitária e, por isso, fraterna. Pela dinâmica que se instaura na relação de uma simples família (evitando o equívoco e fonte de muitas imaturidades, o tentar levar ao Convento as dinâmicas familiares da família de origem; o estudo de Dalarun sobre o termo *mater* ajuda a fazer clareza sobre esse ponto, frequentemente fonte de incompreensão) a Fraternidade deve ser pequena, segundo a regra (cf. RE 1).
3. *A minoridade*. O estilo de vida que se pretende para a Fraternidade, e o lugar onde devemos residir, necessariamente devem ser custodiados pela vida simples, vida pobre e sóbria, para favorecer, sobretudo, a dinamicidade que a alternância requer.
4. *O Eremitério para o Reino de Deus*. A Fraternidade do Eremitério vive num lugar afastado, na solidão. No estilo de vida sóbria e simples, não tem uma finalidade em si mesma, mas há a busca do silêncio para encontrar o Senhor na oração. O Eremitério e a oração, ambos são mediações a

32 A Regra é muito rica em referências que reforçam um estilo de vida em contínuo discernimento. Cuidem os Frades de viver “espiritualmente”...

- serviço da busca da centralidade de Deus, seu Reino e sua justiça (cfr. RE 3) e, por isso, tem sempre dimensão eclesial³³.
5. *O lugar santo*. O lugar não é secundário, existe a graça do lugar. O que torna santo o lugar não são as pedras, mas quem nele morou e aquilo que se vive. Betânia é exemplar de como realmente seja lugar de afeto e confiança, de escuta e custódia, um lugar da familiaridade com o Senhor! Betânia é, de certa forma, escola em que se aprende a viver a *sequela Christi* (veja: La Verna e outros lugares predispostos a criar o que a *Regra para os Eremitérios* e nossa tradição sugerem).
 6. *Lugar de clausura para os Frades*. O Eremitério é lugar reservado só para a oração. Consequentemente, é lugar consagrado, exclusivo dos Frades, existe clausura, firmemente custodiada pela “mãe”, em alternância dinâmica (cf. *Rnb VII*, 13-14).
 7. *Tempo, continuidade e alternância*. Três são os critérios que no Eremitério são realmente exigidos. O *tempo* é importante para os Frades que serão chamados a ser a Fraternidade “estável” (mínimo dois Frades *mãe-filho*), para poder iniciar nova Fraternidade e garantir *continuidade*. Nesse modo, a *Fraternidade de Eremitério* pode dar espaço de acolhimento aos Frades (exemplo: outros dois) que queiram viver o eremitério por certo tempo, relativamente longo, mas não estável. Depois do primeiro momento, os Frades que viveram como *filhos*, no tempo oportuno, são convidados a viver a *alternância*, entrando efetivamente com simplicidade no “papel de mãe”.
 8. *O projeto de vida*. A Fraternidade do Eremitério, depois de um primeiro conhecimento, deve estipular um esboço de projeto de vida (tempos, horários, prazos, alternância etc.) e com prazos oportunos para avaliar com os Ministros provinciais ou Custódios, e colocar em foco um estilo, ligado à nossa espiritualidade segundo a *Regra para os Eremitérios*. Há algo que se intui nessa Fraternidade: a oração é primária e exclusiva.
 9. *Não alternativa, mas alternância*. Francisco não vive exclusivamente a vida apostólica ou a vida eremítica, mas a *alternância* entre a oração e o testemunho simples em meio às pessoas. Ao mesmo tempo parecemos importante indicar que a proposta da vida de Eremitério, ou viver a experiência de Eremitério, não deve ser para os Frades *alternativa*,

33 Cf. P. MARTINELLI, *A redescoberta da vida eremítica e a família franciscana*. Atti della Giornata di studio in occasione di venticinque anni di presenza del Romitorio delle Stigmate (La Verna, 27 de setembro de 2008), em *Studi Francescani* 106 (2009), 339-342.

mas *alternância*, que pode ajudar os indivíduos e as Fraternidades a encontrar aquela harmonia interior e aquela ordem que vem de Deus e sua centralidade para, depois, voltar à própria missão³⁴.

10. *Serviço e missão*. Pensamos que a *Fraternidade do Eremitério* seja um serviço precioso e fecundo aos Frades e à própria Província.

4.2. *Casa de oração*

Sob esse aspeto, os “núcleos” podem orientar fortemente e iluminar as realidades e lugares em que há Fraternidades consagradas a ser Casas de Oração. Temos consciência de que essas se afastam de uma Fraternidade de Eremitério no sentido estrito, mas podem fornecer uma forte espiritualidade tipicamente franciscana e, por isso, aberta a pessoas, não exclusivamente Frades, disponíveis a viver a proposta que fazemos em base ao nosso carisma.

1. *Discernimento*. Como já foi dito acima, não são só os Frades que pedem para viver a dedicação à oração, a realizar o discernimento. Os Ministros provinciais, os Custódios, são chamados a acolher como dom o ter uma Fraternidade que se dedique a essa prioridade da Ordem. É um dom vital para toda a Fraternidade provincial e deve ser desejada e acompanhada pela Província. Os Ministros provinciais e os Custódios devem discernir, com responsabilidade diante de Deus, essa prioridade; não apenas teoricamente, mas concretamente devem encorajar os Frades que possam ser verdadeiramente inspirados pelo Senhor a dedicarem-se à vida de oração (cf. *Rnb XVI*, 4). Os Frades, que se sentem chamados a dedicar-se à oração, devem ter a consciência de seu «estar aos pés do Senhor, como *Maria* e como *Marta*, cuidando e custodiando os *filhos que lhes são dados*.
2. *Uma Fraternidade dedicada especialmente à oração*. Além das devidas distinções com a Fraternidade de Eremitério, é preciso evidenciar que aquilo que constitui a *Casa de Oração* é uma Fraternidade especialmente dedicada à oração. Pela dinâmica que se instaura na relação de simples família, julgamos que se salve a Fraternidade pequena. Da mesma maneira, as pessoas que são acolhidas, idealmente deveriam ser proporcionais.

34 P. MESSA, *Entre vida eremítica e pregação*, Assis, 2009, 141.

3. *Vocação e missão da Fraternidade.* É sempre a Fraternidade que tem um projeto de vida, e como característica principal o dever *de ter o espírito de oração e devoção*. Os Frades dedicados a esse estilo de vida têm um papel simples e muito importante: são eles mesmos, antes de tudo, *chamados a viver a oração*. Essa dimensão tem um forte testemunho em si mesma, simples e autêntico. É a prioridade da busca do Reino de Deus que determina, num primeiro momento, o ser chamado a viver como *Maria* que está aos pés do Senhor, como “filho”. O segundo momento é a *missão*: são chamados a tornar-se “mãe”, diante de quem pede e deseja ser acompanhado ao encontro com o Senhor. Diferente da Fraternidade de Eremitério, as ‘Casas de Oração’ são abertas ao acolhimento de pessoas de toda proveniência e sexo.
4. *Tempo e continuidade.* Os Frades chamados a estar na Fraternidade deverão ser “estáveis” *por certo tempo*, a fim de poder encaminhar a nova Fraternidade e garantir *continuidade*. Pensamos que seja isso um bom critério para constituir a Fraternidade dedicada à oração. Muitas vezes acontece que se trocam os Frades, o projeto cai e perde o impulso inicial. Precisa ter confiança, crer que tal Fraternidade seja vital para a Província.
5. *O lugar.* O lugar, como já foi afirmado, não é secundário: *há a graça do lugar*. Como proposta importante, promovemos e encorajamos que a Fraternidade de Oração possa ser colocada ao lado, ou próxima, a um lugar santo. Os exemplos poderiam ser muitos. Em todo caso, os lugares são importantes. O lugar deve ser afastado para garantir a solidão, segundo um estilo de vida sóbrio e simples, onde os Frades podem viver isolados e dedicar-se à oração e ao acolhimento de quem pede para fazer experiência de solidão. Poderia haver lugares determinados pela vida santa de Frades, que viveram sua vocação e doaram sua vida naquele lugar. São lugares que falam por si.
6. *O projeto de vida.* A Fraternidade dedicada à oração, depois de um primeiro conhecimento, deve preparar um esboço do projeto de vida (tempos, horários, prazos, etc.), no qual põe ordem, tempos e avaliações do estilo de vida, junto com os Ministros provinciais ou Custódios, a fim de que possa colher da riqueza de nossa espiritualidade, possíveis itinerários espirituais de nossa rica tradição franciscana.



ALGUMAS PERGUNTAS

Como *conclusão*, propomos algumas perguntas, com a finalidade de nos ajudar a refletir pessoalmente e partilhar em Fraternidade quanto à dimensão franciscana da oração e devoção. Assim estamos seguros de que esse subsídio possa ser instrumento para ajudar-nos a viver com autenticidade nossa “forma minorum”, além de achar indicações concretas para uma *Fraternidade de Eremitério* ou uma *Casa de Oração*.

- É preciso reforçar, cultivar e aprofundar a vida de oração. Que sentido tem essa insistência, no momento atual de minha história pessoal e de minha Fraternidade? Como aprofundar, de fato, essa vida de oração?
- Nossa vida de Frades Menores, em suas realizações, na diversidade das missões e evangelização, torna possível a vida de oração convincente ou talvez esconda o vazio?
- Para levar adiante nossa vocação, parece-nos importante retirar-nos, às vezes, ao eremitério?
- Entre os serviços que podemos prestar como Frades, existe o acolhimento a todos os que querem rezar conosco, entre nós, procurando Deus, antes de qualquer outra coisa. Nossa Fraternidade é capaz de oferecer, com um mínimo de garantia, esse serviço? Somos capazes de oferecer uma vida de oração significativa?
- Consideramos alguma vez a possibilidade de criar uma *Fraternidade de Eremitério* ou *Casa de Oração* franciscana na Província ou Custódia?
- Da *Regra para os Eremitérios*. Como pode ser vital para nós a experiência de oração de solidão na minha *Fraternidade*, a exemplo da experiência espiritual de Betânia? O que pode dizer-nos o *estilo de vida* de mãe e filhos, experiência proposta por Francisco, de custódia na solidão? Nossa vocação está centrada sobre *acolher e escutar o Senhor* para acolher seu Reino e sua justiça dentro de nós? Sei *esmolar como pobrezinho* e viver como *filho* e como *menor*? Vivo realmente dentro de *um caminho de liberdade*, através de uma “doce dependência” do outro, dom que me abre para a relação com o Senhor?

ÍNDICE

PREFÁCIO	3
SIGLAS E ABREVIACÕES	5
INTRODUÇÃO	7
I. PRELIMINARES E METODOLOGIA	9
1.1. Algumas precisões	9
a. Contemplação	10
b. Ter o Espírito do Senhor	10
c. Espírito de oração e devoção	11
d. Fraternidade de Eremitério	12
e. Casa de Oração	13
1.2. O texto que nos inspirou (RE)	13
II. O CONTEXTO DA VIDA EREMÍTICA DE FRANCISCO: UMA PROPOSTA ORIGINAL.....	15
2.1. A recepção na Ordem da vida eremítica proposta por Francisco. Alternância: Eremitério-Cidade	18
III. ALGUNS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA REGRA PARA EREMITÉRIOS.....	23
A. A Fraternidade e cada Frade	23
B. Um Estilo de vida	24
C. Acolher e escutar o Senhor	24
D. Esmolar como pobrezinhos	26
E. Alternância que liberta	26
F. Um olhar de conjunto	27
IV. VIAS CONCRETAS PARA A FRATERNIDADE DE EREMITÉRIO, CASAS DE ORAÇÃO.....	29
4.1. Fraternidade de Eremitério	29
4.2. Casas de Oração	32
V. ALGUMAS PERGUNTAS.....	35

CURIA GENERALE DEI FRATI MINORI
Via di Santa Maria Mediatrice, 25
00165 Roma
www.ofm.org